

FAMÍLIAS COM FILHOS SUPERDOTADOS: (RE)CONSTRUINDO CONCEPÇÕES

Luiza Tassinari Kuhn¹
Andréia Jaqueline Devalle Rech²
Tatiane Negrini³

¹Acadêmica de Pedagogia Universidade Federal de Santa Maria, luiza.tassinari@acad.ufsm.br

²Doutora em Educação Universidade Federal de Santa Maria, andreia.rech@ufsm.br

³Doutora em Educação Universidade Federal de Santa Maria, negrini.tatiane@gmail.com

<https://doi.org/10.56231/rbAHSD.107081>

RESUMO

A família é o primeiro contexto de desenvolvimento para os filhos, seja ele social, afetivo, cognitivo, entre outros igualmente importantes. Logo, ter um filho com condições específicas de aprendizagem requer da família uma atenção ainda mais abrangente. Em se tratando de um filho com altas habilidades/superdotação (AH/SD), essa atenção é imprescindível. O objetivo desse trabalho é debater sobre a importância da orientação à família sobre as diferentes concepções que permeiam AH/SD, já que muitas delas são equivocadamente construídas e interferem na visualização desse sujeito nos diferentes contextos sociais. As formações com as famílias aconteceram de forma presencial, no período de maio a agosto do ano de 2022, quinzenalmente aos sábados pela manhã, nas dependências de uma universidade pública federal. Tiveram duração de 1h e 30min, totalizando sete encontros. Participaram da formação uma média de 30 famílias. Durante os encontros de orientações às famílias, foram abordados sobre os nove mitos e concepções equivocadas a partir do referencial de Winner (1998). Os resultados apontaram para uma significativa participação das famílias, sendo que muitas delas relataram que seus filhos já haviam sido expostos a diversas concepções equivocadas, entre elas: o Mito 1, que diz respeito à concepção de que todas as pessoas são superdotadas e o Mito 3, que todas as crianças com AH/SD apresentam um Quociente de Inteligência excepcional (WINNER, 1998). Essas concepções equivocadas foram atribuídas pelas famílias como uma prática recorrente nos discursos dos professores dos seus filhos com AH/SD. Em relação às famílias, algumas delas mencionaram que o primeiro Mito também estava presente em suas concepções. (Re)construir concepções sobre as AH/SD é um dos desafios para que o filho/aluno que apresenta essa condição específica de aprendizagem possa ser visualizado, tanto no âmbito familiar como escolar, diante das reais possibilidades educacionais e emocionais.

Palavras-chave: Altas habilidades/superdotação. Família. Orientação. Concepções equivocadas. Mitos.

ABSTRACT

The family is the first development context for children, whether it is social, affective, cognitive, among others that are equally important. Therefore, having a child with specific learning conditions requires even more comprehensive attention from the family. When it comes to a child with high abilities/giftedness (HA/G), this attention is crucial. The objective of this work is to debate about the importance of orientation to the family about the different conceptions that permeate HA/G, since that many of them are mistakenly constructed and interfere in the visualization of this subject in the different social contexts. The training with the families took place on site, from May to August, 2022, every two weeks, on Saturdays in the morning, inside a federal public university. They lasted 1h and 30 min, totaling seven meetings. An average of 30 families participated in the training. During the family orientation meetings, nine myths and misconceptions were approached based on Winner (1998). The results pointed to a significant participation of the families, and many of them reported that their children were already exposed to several misconceptions, among them: The 1st Myth, which is about the conception that all the people are gifted and the 3rd Myth, that all the children with HA/G present an exceptional Intelligence Quotient (WINNER, 1998). These misconceptions were attributed by families with a recurring practice in the speeches of teachers of their children with HA/G. In relation to the families, some of them mentioned that the first Myth were also present in their conceptions. (Re)constructing conceptions about the HA/G is one of the challenges for that the child/student that presents this specific condition of learning can be visualized, both in the family and the school context, before the real educational and emotional possibilities.

Keywords: High abilities/giftedness. Family. Orientation. Misconceptions. Myth.

INTRODUÇÃO

Para Renzulli (2014), as pessoas com altas habilidades/superdotação (AH/SD), são aquelas que apresentam ou têm potencial para desenvolver três comportamentos: Capacidade acima da média, Criatividade e Envolvimento com a tarefa, sendo que, para identificar uma pessoa com altas habilidades/superdotação (AH/SD), é necessário a interação entre esses três comportamentos. O mesmo autor ressalta que esses três atributos podem ser afetados por aspectos sociais e emocionais, podendo facilitar ou mesmo dificultar a identificação desses comportamentos, tanto no espaço escolar quanto familiar.

Dito de outro modo, alguns aspectos de personalidade presentes nas pessoas com indicadores de AH/SD, podem interferir na sua visualização enquanto sujeito com condições específicas de aprendizagem. Logo, um aluno muito introspectivo, pode apresentar dificuldades em expor ao grande grupo de colegas, suas ideias criativas e seus projetos. Por isso, o mesmo necessita de um ambiente escolar e familiar que oportunize que seus potenciais sejam evidenciados, já que por conta da sua timidez, por exemplo, ele terá maiores dificuldades de enfrentar isso sozinho. Também, encontramos alunos com habilidades em áreas não acadêmicas, como: artes, dança, música, esportes, entre outras, que estão invisíveis no cotidiano

escolar e familiar, pois a eles são atribuídos os rótulos de serem sujeitos muito talentosos, mas não superdotados.

Desse modo, é fundamental que a família e a escola saibam reconhecer potenciais latentes em seus filhos e/ou alunos, de modo que os aspectos emocionais e sociais desses sujeitos não sejam uma barreira para o seu reconhecimento enquanto sujeito com AH/SD.

Mediante esses argumentos iniciais, este texto tem por objetivo debater sobre a importância da orientação à família sobre as diferentes concepções que permeiam AH/SD, já que muitas delas são equivocadamente construídas e interferem na visualização desse sujeito nos diferentes contextos sociais, entre eles a escola e a família, por exemplo.

METODOLOGIA

A temática das AH/SD tem permeado os estudos do Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social - GPESP, que tem desenvolvido projetos de pesquisa e extensão, com foco no enriquecimento extracurricular de alunos com indicadores de AH/SD, orientação à escola, à família e a relação entre família e escola no contexto inclusivo.

Os dados que serão apresentados neste texto, foram coletados durante as ações de um projeto de extensão, vinculados a uma Universidade Pública Federal, com o objetivo de ofertar uma formação continuada, por meio de ciclos de palestras, para profissionais e familiares com foco na construção de um trabalho colaborativo em prol da inclusão escolar do aluno/filho com AH/SD.

A equipe executora do projeto conta com a participação de duas Professoras Doutoras em Educação e duas acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia, que também são bolsistas de iniciação científica do referido projeto.

Para este debate, centraremos as discussões no eixo da família, ou seja, nas orientações dirigidas a esse público. As formações com as famílias que têm filhos com AH/SD aconteceram de forma presencial, no período de maio a agosto do ano de 2022, quinzenalmente aos sábados pela manhã, nas dependências da Universidade. Cada formação teve duração de 1h e 30min, totalizando sete encontros. Participaram da formação uma média de 30 famílias.

A equipe executora planejou os encontros a partir de uma didática expositiva e dialogada, tendo como suporte slides de *power point*, com os Mitos descritos por Winner (1998), Mito 1: Superdotação Global; Mito 2: Talentosas, mas não-superdotadas; Mito 3: QI excepcional; Mito 4 e 5: Biologia versus ambiente; Mito 6: O pai condutor; Mito 7: Esbanjando saúde psicológica; Mito 8: Todas as crianças são superdotadas? Mito 9: As crianças superdotadas se tornam adultos iminentes. Os slides auxiliavam na condução do encontro, mas não restringiam os debates. Inclusive, em vários deles, o material base não foi aprofundado,

pois as famílias traziam elementos que os estavam afetando, naquele momento. Portanto, respeitava-se essa demanda, as famílias eram acolhidas e a formação partia disso.

RESULTADOS

As famílias participantes do projeto apresentam uma diversidade em suas constituições, sendo algumas nucleares, outras recasadas e, também, monoparentais. Nesse contexto, compreendemos “família” para além dos “[...] laços de consangüinidade e parentesco [que] eram parâmetros que definiam com precisão a configuração familiar da maioria das pessoas”, (WAGNER; LEVANDOWSKI, 2008, p. 88). Sendo assim, pesquisar sobre a família é adentrar num universo em constante movimento, é respeitar essas mudanças geradas pelas transformações sociais, econômicas e culturais que vivemos na contemporaneidade.

Importante ressaltar que dentre as 30 famílias que receberam orientações nas formações, alguns dos encontros foram frequentados pelos dois responsáveis, pai e mãe, outros apenas por um dos membros, inclusive as famílias recasadas, variavam na participação, ora era a mãe, ora o pai e a madrasta. Também, é preciso destacar que tivemos uma expressiva participação paterna. Portanto, “ser pai, atualmente, mesmo em contextos diferentes, é participar de inúmeros aspectos do desenvolvimento dos filhos, não mais se restringindo a provê-los e discipliná-los” (STAUDT; WAGNER, 2011, p. 107). Em vista disso, temos observado, na atual sociedade, que o papel parental precisou ser reconfigurado para atender às diferentes demandas familiares e isso foi observado no decorrer das formações do projeto.

Após essa breve explanação sobre as famílias participantes da formação, passaremos a apresentar alguns elementos que foram evidenciados no transcorrer das formações, em que ao retratarmos os mitos, as famílias relataram experiências vivenciadas em casa e, também, nas escolas que seus filhos com AH/SD frequentavam.

Em relação ao Mito 1, o qual tem como foco a superdotação global, geralmente, quando se houve sobre o tema “superdotação”, instantaneamente e de forma equivocada, relaciona-se a um aluno que apresenta um excelente aproveitamento escolar, com nota máxima em todas as disciplinas. No mesmo sentido, tem-se o Mito 3: “QI excepcional”. Contudo, “as crianças podem até mesmo ser superdotadas em uma área acadêmica e apresentar distúrbio de aprendizagem em outra” (WINNER, 1998. p. 15). Esses mitos foram descritos pelas famílias como uma concepção equivocada e observada tanto no eixo familiar quanto nas escolas dos seus filhos com AH/SD.

Durante esse debate, as famílias manifestaram uma preocupação com seus filhos, pois em alguns casos os profissionais da escola creem que esses alunos apresentam uma superdotação em todas as áreas e, portanto, não necessitam de suporte educacional

especializado. Rech (2018, p. 159) amplia esse debate ao afirmar que “[...] pensa-se, erroneamente, que uma pessoa com AH/ SD seria aquela nota 10 em todas as disciplinas, ou então aquela criança que apresenta seus “talentos” em programas de auditório”. Desse modo, é preciso romper com essa concepção equivocada para que o sujeito com AH/SD seja reconhecido como uma pessoa que apresentará potenciais em áreas específicas e, em outras será um aluno com desenvolvimento típico ou até mesmo, abaixo da média dos seus colegas. A partir disso, o aluno com AH/SD poderá ter um Quociente de Inteligência (Q.I), acima da média, caso seus potenciais sejam na área acadêmica. Logo, se for um aluno com Inteligência Corporal-cinestésica, por exemplo, com habilidade específica para a dança, será um aluno superdotado do tipo produtivo-criativo e, não terá necessariamente, um Q.I acima da média. Renzulli (2014, p. 237), afirma que “[...] quando me refiro a habilidades acima da média, não estou restringindo meu uso de porcentagens somente ao que pode ser medido por testes”.

Ademais, muitas famílias relataram que seus filhos apresentaram uma autocobrança, colocando-se em uma posição de perfeccionismo com a tarefa e, por vezes, sofrendo por não atingir essas expectativas. Um familiar comenta sobre um acontecimento onde seu filho havia errado algumas questões em uma nova disciplina e após receber essa nota, que apesar de não ser muito baixa, sentiu-se frustrado e preocupado em como isso seria visto pela professora.

Outros familiares relataram situações semelhantes, onde o filho cria sobre si mesmo uma cobrança muito grande em determinadas áreas, e que muitas vezes, os profissionais da escola também exigem, pois já que apresentam AH/SD, precisariam se destacar em todas as disciplinas e, conseqüentemente, obter notas altas. Desse modo, esse contexto de altas expectativas e o próprio perfeccionismo, resultam em uma cobrança excessiva em cima daquele aluno que necessita muito mais de um suporte do que uma cobrança equivocada.

Para Virgolim (2021, p. 8), o sujeito com AH/SD pode sentir-se emocionalmente vulnerável quando a ele for atribuída altas

expectativas sobre o seu desempenho acadêmico ou seu gênero, as expectativas culturais de seus pais, professores e colegas, a educação que a criança recebe e, ainda, as características pessoais da pessoa com altas habilidades, se não adequadamente gerenciadas, podem levá-las ao estresse e à vulnerabilidade.

As famílias participantes da formação compartilharam com as demais essa angústia, ou seja, as dificuldades emocionais que alguns filhos com AH/SD apresentam dentro do espaço escolar, seja decorrente das altas expectativas que os professores atribuem a eles, por conta do rótulo de “ser superdotado”, quanto das altas expectativas criadas pelos próprios filhos.

Virgolim (2021) reitera a necessidade de que familiares e educadores estimulem no filho e/ou aluno com AH/SD suas habilidades emocionais, para que desenvolvam sua

autoconsciência, que sejam capazes e resilientes para resolver problemas, encorajando suas decisões. Tais aspectos, podem auxiliá-los a compreender seus sentimentos e assertivos em suas escolhas. Mas, para que isso seja possível, “[...] é preciso instrumentalizar tanto a família quanto a escola acerca da temática das AH/SD, buscando uma efetiva inclusão escolar dos alunos em questão” (RECH; FREITAS, 2021, p. 23).

Portanto, é fundamental que a família e a escola atuem de forma colaborativa, unindo esforços para o pleno desenvolvimento do filho/aluno com AH/SD, nutrindo as habilidades sociais e emocionais desses indivíduos.

O próximo Mito 7 “Esbanjando saúde psicológica”, foi abordado pelos familiares como sendo comumente relatado pelos professores das escolas dos seus filhos com AH/SD, atribuindo a esses uma estabilidade emocional. Contudo, Winner (1998) é pontual ao concluir que as crianças pequenas e que apresentam AH/SD preferem brincar sozinhas “[...] não apenas porque gostam, mas também porque têm poucas pessoas com as quais brincar, com quem partilhar seus interesses” (p. 31).

Nessa perspectiva, os familiares citaram que, geralmente, seus filhos preferem interagir com crianças e jovens com idade cronológica acima das deles. Tudo isso, pois seus interesses específicos diferem dos demais que são seus pares e tais fatores podem dificultar as relações sociais dentro da sala de aula comum.

Sobre esse assunto, um familiar relatou: *“Eu fui questionada do motivo da minha filha chorar, se ela era superdotada por que ela não controlava as emoções, assim como, sobre ela não saber amarrar o cadarço do tênis, as pessoas questionam isso!”*. Durante esse encontro outros pais também relataram o mesmo questionamento, pois quando se ouve sobre superdotação, o lado emocional é considerado estável e avançado, mas a criança que apresenta as AH/SD continuará sendo uma criança e continuará tendo frustrações, que precisam ser orientadas para que superem essas frustrações.

Essa diferença entre os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores são nomeados como dissincronia, que

[...] por vezes ocasiona níveis diferentes de desenvolvimento intelectual, afetivo ou motor. Nesses casos é importante lembrar que uma criança com altas habilidades é, antes de qualquer coisa, uma criança, com demandas típicas de sua idade em vários aspectos. Assim, muitas vezes, estranhamos atitudes que podemos considerar imaturas, mas que são adequadas para a faixa etária da criança, e que contrastam com uma habilidade intelectual superior (CUPERTINO, 2008, p. 38).

Nesse sentido, é preciso debater sobre a dissincronia, tanto com as famílias quanto com os profissionais da educação, de modo que compreendam essa característica do filho/aluno com

AH/SD, buscando construir um ambiente que respeite essa singularidade. Dito de outro modo, "o esclarecimento dessa questão e de suas necessidades específicas pode ajudar pais e professores a delinear um ambiente mais adequado ao seu desenvolvimento" (VIRGOLIM, 2021, p. 3).

Compreender sobre as características dos filhos/alunos com AH/SD é fundamental para que concepções equivocadas, como o Mito de esbanjar saúde emocional seja revisto e ressignificado. Cabe as duas instituições, família e escola, ter acesso a informações coerentes sobre o desenvolvimento socioemocional dessas crianças e jovens, para que as mesmas consigam superar possíveis dificuldades encontradas no percurso escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar uma discussão sobre a importância da orientação à família sobre as diferentes concepções que permeiam AH/SD, especialmente destacando algumas ideias equivocadas sobre o assunto que foram debatidas em encontros com familiares de crianças com AH/SD participantes de um projeto.

Pelos encontros desenvolvidos, nota-se que o Mito 1, que diz respeito à concepção de que todas as pessoas são superdotadas e o Mito 3, que todas as crianças com AH/SD apresentam um Quociente de Inteligência excepcional foram os mais debatidos e evidenciados em diferentes contextos. Estas concepções são descritas como ainda presentes em falas de docentes nas escolas, até mesmo nas próprias concepções dos familiares. Por este motivo, destaca-se a relevância de formações que abordam a respeito do tema.

Os resultados apresentados demonstram o quanto é necessário que estes esclarecimentos cheguem até as famílias, as quais também precisam sentirem-se seguros, com informações claras, para acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos com AH/SD. É necessária uma maior divulgação sobre as AH/SD, para que essas pessoas identificadas sejam compreendidas pelas famílias, pois em muitos casos, as famílias não possuem esse conhecimento. Assim como também possam ser realizadas envolvendo os professores, tendo em vista ampliar os conhecimentos sobre o assunto.

Percebe-se o quanto estes encontros com os familiares estão sendo significativos e fazendo a diferença na vida dos participantes do projeto, de modo que passam a entender também a importância do enriquecimento para estes alunos.

REFERÊNCIAS

CUPERTINO. C. M. B. **Um olhar para as altas habilidades:** construindo caminhos. Secretaria da Educação. CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2008. Disponível em: http://www.christinacupertino.com.br/arquivos/Altas_habilidades.pdf

RECH, A. J. D. A. Organização do Atendimento Educacional Especializado para o aluno com Altas Habilidades/ Superdotação. In: PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira; NEGRINI, Tatiane. **Atendimento educacional especializado para as altas habilidades/superdotação**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/391/2019/04/Livro-AHSD-Finalizado-pós-prova.pdf>

RECH, A. J. D., FREITAS, S. N. A importância da superação de barreiras entre família e escola para a construção de um trabalho colaborativo em prol da inclusão escolar do filho e aluno com altas habilidades/superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, V. 34, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/55329/pdf>

RENZULLI, J. S. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. In: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. (Org.). **Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2014. Cap. 9, p. 219-264.

STAUDT, A. C. P.; WAGNER, A. A vivência da paternidade em tempos de diversidade: uma visão transcultural. In: WAGNER, A. (Org). **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011, cap. 6, p.99-111.

VIRGOLIM, A. As vulnerabilidades das altas habilidades e superdotação: questões sociocognitivas e afetivas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e 81543, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/55HDKrpm9R8Sb5SPBPrB3jF/?format=pdf&lang=pt>

WAGNER, A.; LEVANDOWSKI, D. C. Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 7 n. 1, jan/jun, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/3940/3204> Acesso em 16 de junho de 2015.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.